

A ETERNIDADE DE EÇA DE QUEIROZ

Marino FALCÃO

Com grande honra e satisfação faço uso da palavra nesta sessão da Academia Campinense de Letras, começando por lembrar uma sutil frase de George Bush, cronologicamente ajustada à minha situação pessoal neste momento, em que o ex-presidente dos Estados Unidos confessa: - "Quando se tem 71 anos de idade, falar é a única atividade a que a gente pode se dedicar sem risco de acidente"...

Proponho-me a falar sobre José Maria Eça de Queiroz, ou simplesmente Eça de Queiroz, pois a fama obscureceu a metade do nome daquele extraordinário escritor que, modestamente, costumava dizer: - "Eu sou apenas um pobre homem da Póvoa do Varzim..."

Foi lá, na pequenina aldeia portuguesa, que ele nasceu aos 25 de Novembro de 1845, tendo o sesquicentenário seu nascimento sido comemorado

há pouco mais de uma semana, com justas e jubilosas homenagens nos países de língua portuguesa, onde é, sem sombra de dúvida, um dos escritores mais lidos e admirados.

Dividirei esta palestra em três partes: 1) sua vida, sua obra e influências que recebeu; 2) seus personagens principais; 3) seu estilo de romancista.

SUA VIDA, SUA OBRA E INFLUÊNCIAS QUE RECEBEU

Por linha paterna Eça de Queiroz descendia de uma família de magistrados. Era seu avô paterno o desembargador Joaquim José de Queiroz e Almeida, que, quando moço, teve uma vida de fidalgo aventureiro, cabeça cheia dos ideais da revolução francesa, participando ativamente da revolta de 1828 contra o absolutismo do rei D. Miguel. Com a volta de D. Pedro do Brasil para expulsar do trono o irmão usurpador, o avô de Eça assume altas investiduras, nomeado desembargador, chegando a ocupar a pasta de Ministro da Justiça do Reino, no gabinete presidido pelo Duque de Saldanha, seu velho

companheiro de lutas e conspirações. Mais tarde, já velho e cansado após uma vida plena de venturas e aventuras, o avô de Eça recolheu-se a casa de Verdemilho, no Aveiro, com todas as honras a que tinha direito como ex-desembargador, Conselheiro de Estado e Cavalheiro Professo na Ordem de Cristo.

Com relação ao pai de Eça, sabe-se que se formou em direito na Universidade de Coimbra, época em que escrevia versinhos românticos insossos, tornou-se magistrado e firmou sua reputação no célebre, processo movido contra Camilo Castelo Branco e Ana Plácido por crime de adultério. Deu-se, primeiro, por suspeito e, como o tribunal não aceitasse a suspeição, impronunciou os acusados. Camilo ficou gratíssimo ao Juiz, chegando até ao exagero de considerá-lo, além de bom Juiz, um bom poeta. Talvez tenha sido com a sua lábia de vate romântico que o magistrado Queiroz pôs de lado os rigores da toga e conquistou a alma simples de dona Carolina Pereira d'Eça, com ela mantendo um idílio clandestino que começou em Viana do Castelo e foi terminar no minúsculo vilarejo de Póvoa do Varzim, para onde partiu dona Carolina, naturalmente, angustiada e aflita, a fim de manter incógnita a sua gravidez. Lá nasceu José Maria, cento e cinquenta anos atrás, "filho de um momento arrebatado de amor, entre as vicissitudes daqueles escuros tempos" (Viana Moog, "Eça de Queiroz e o século XIX", 4ª edição, pág. 17).

De Póvoa do Varzim o recém-nascido foi levado à vizinha Vila do Conde, onde o batizaram, indo depois para a companhia dos avós paternos, na casa solarenga de Verdemilho, no Aveiro. Somente ao completar dez anos de idade, foi o menino José Maria viver na cidade do Porto em companhia dos pais biológicos que, já então fazia seis anos, tinham contraído matrimônio e legitimado a sua filiação.

Sobre a infância de Eça pouco se sabe ou se escreveu. Ele próprio sempre foi silente ou reticente a respeito desse assunto. Suas reminiscências de caráter pessoal não vão além dos tempos da mocidade em Coimbra.

Pode-se facilmente deduzir, no entanto, quão profunda terá sido em sua psicologia infantil a intuição ou revelação de seu nascimento bastardo.

Conforme pondera o escritor Viana Moog: "Estabelecido este fato como inevitável, porque não é a uma criança que vive longe dos pais que se consegue ocultá-lo em sua totalidade, cabem, em consequência, algumas perguntas. Não virá desse ponto de fixação o desenvolvimento de sua sensibilidade vibrátil e doentia, a agravação do seu temperamento a um tempo tímido e revoltado, satírico e panfletário? Quem nascia de uma mãe atribulada e inquieta, quase em meio dos horrores da guerra civil, quem tão cedo era

reservado pela fatalidade a analisar e a censurar a conduta dos próprios pais e a exercer as primeiras manifestações do senso crítico sobre os erros dos dois entes que mais lhe deviam parecer intangíveis, não estaria de antemão preparado para a irreverência e para o derribamento frenético de todos os ídolos e valores convencionais?" (*op. cit.*, pág. 18).

A lei das compensações na vida trouxe, porém, para a infância de José Maria a inestimável vantagem da convivência com o seu avô paterno, na casa de Verdemilho, onde morou até os dez anos de idade. Ali o neto passava horas sentado nos joelhos do avô, que se comprazia em contar as agitadas peripécias vividas durante as revoluções de que participou ou em narrar ao garoto extasiado fantásticas estórias como a lenda de Carlos Magno e dos Dozes Pares de França.

Ainda falta entre os biógrafos de Eça quem aprofunde um estudo acerca da influência do avô paterno sobre o espírito em formação do menino José Maria. Tenho para mim que essa influência foi imensa, permitindo-me evocar e invocar um símile expressivo e significativo, como suporte inicial para essa inexplorada tese.

Carlos Lacerda, o notável tribuno e admirável jornalista, filho de pais separados, viveu grande parte da sua infância na casa de seu avô paterno, Sebastião de Lacerda - coincidentemente em relação ao avô de Eça, também magistrado, Ministro do Supremo Tribunal Federal. Carlos Lacerda, no comovente livro "A Casa do meu Avô" (ed. Nova Fronteira) relembra que "esse avô, como se fora só meu, era repleto de ternura que precisava desabafar com alguém" e conta uma caminhada que ambos fizeram no final de uma bela tarde. "A criança vai ao lado do Avô de chapéu de feltro amassado e negro como o capote largo e o terno de viúvo". "O velho e o menino vão juntos", recorda o grande orador, que continua: "Não sei, não me lembro do que falavam até então. Porém nitidamente recordo que de repente, como do fundo da memória, por nada, por nenhuma razão concatenada, o Avô começou a recitar. Não declamava, não fazia gestos nem empostava a voz. Foi um recitativo monótono, ritmado em compasso pobre, sem relevos nem vivas cores: - Eu, que a pobreza dos meus pobres cantos / Dei aos heróis - aos miseráveis grandes, / Eu, que sou cego - mas só peço luzes... / Que sou pequeno - mas só fito os Andes... /

O menino volta-se espantado. Então aquele velho também sabe versos? São versos que surgem daquela boca de lábios finos e secos:

- Duas grandezas neste instante cruzam-se / Duas realezas hoje aqui se abraçam: / Uma - é um livro laureado em luzes... / Outra - uma espada onde os lauréis se enlaçam. /

Interrompe, volta-se para o menino e conta: - "É o improviso de Castro Alves, o poeta baiano, recitado em 1867, no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, numa festa em benefício das famílias dos soldados mortos na guerra do Paraguai". A beleza pomposa e rutilante desse verso que parece um discurso, a constante, a litania de cada final de estrofe: -

- Do vasto pampa no funéreo chão!

Sua voz não se alteia, mas o ritmo toma impulso, à batida daquelas sílabas - "Do vasto pampa no funéreo chão".

Os dois prosseguem o seu passeio. O velho roça as palavras, devagar; saboreia agora as últimas estrofes do canto do moço baiano. A criança trata de adivinhar o exato sentido de algumas palavras. Mas o que lhe importa é a descoberta do mundo, revelado pelo velho".

E então, conclui Carlos Lacerda a sua comovente reminiscência:

"Creio que o menino dá um salto, desajeitado, arranca ao velho o chapeuzinho preto, dá-lhe no rosto magro um beijo. Por nada, por mero agradecimento daquela tarde, daqueles versos, canção apenas começada sob o sol a pino e concluída as primeiras sombras da noite. Nem o velho pergunta por que mereceu aquele carinho nem o menino diz. Ambos sabem. É a gratidão do encontro. Vem um de tão longe. Tão perto está o outro. E como precisam tanto um do outro, logo que se encontraram se entenderam.

Lembranças assim explicam a resistência de um homem à decepção e ao abandono. Quando encontrarem um forte, um solitário inexpugnável, procurem dentro dele uma recordação como esta. Quem não teve momentos assim ou, tendo-os, desperdiçou-os, precisa de outras compensações. E não sabe viver sem êxitos imediatos.

Quem os teve, pode esperar. Pois se nada mais alcança, já possuiu o que depois ninguém lhe pode disputar. A felicidade perfeita, aquela que uma criança encontra na companhia de um velho que lhe diz alguma coisa bela e sábia. Nem triste nem alegre. Apenas um momento de perfeição."

Já é tempo de retomarmos o fio da meada, voltando a relatar os tópicos essenciais da vida e da obra de Eça de Queiroz.

Em 1861, na exuberância dos 16 anos, matricula-se no 1º ano da Faculdade de Direito da tradicional Coimbra, onde passa uma fase feliz e romântica. Logo se tornou amigo do poeta Antero de Quental, o Santo Antero como era chamado, que dominava a mocidade coimbrã com sua figura messiânica e carismática e começou a participar de tertúlias literárias, que lhe vão sedimentando a vasta bagagem cultural e o gosto pela leitura dos grandes

escritores da época, principalmente os franceses, avultando em sua preferência as obras de Flaubert, Renan, Balzac, Baudelaire e Victor Hugo.

Formou-se em junho de 1866, começou a escrever para jornais de Évora e Lisboa, e algum tempo depois partiu, na companhia de seu grande amigo Conde de Rezende para uma longa viagem ao Oriente, quando assistiu à inauguração do Canal de Suez. Em 1870, em parceria com seu outro grande amigo, Ramalho Ortigão, iniciou a publicação, em forma de folhetim, no jornal "Diário de Notícias", de "O Ministério da Estrada de Sintra", romance a quatro mãos, sem método e sem plano, valendo apenas como uma alegre improvisação dos dois escritores, que fez crescer, e muito, a tiragem do jornal. No ano seguinte, os dois amigos começaram a publicar na imprensa lisboeta as célebres "Farpas" risonhas catilinárias sobre os costumes daqueles tempos, sátiras mordazes e até contundentes onde, pelas próprias diversidades de estilo, "Ramalho é o taca-pe. Eça é o ramo de urtiga" (Viana Moog, *op. cit.*, pág. 179).

Em 1872, Eça de Queiroz, ingressou por concurso no serviço diplomático de Portugal, sendo nomeado cônsul em Havana. Detestou Cuba. Nada havia na ilha do Caribe que não lhe parecesse ignóbil. Sofria com saudade dos amigos e das noitadas no bares do Chiado e do Rocio, onde conquistara o prestígio de príncipe da conversação.

Escreveu a Ramalho Ortigão: "Estou tão só que a minha conversação é com o meu criado: estou tão imbecil que leio Paulo de Kock..."

Por isso, um dos dias mais felizes de sua vida foi aquele em que, no final de 1874, recebeu a comunicação de sua transferência para o consulado em New Castle, na Inglaterra.

Começa, então, verdadeiramente a trajetória luminosa de Eça como romancista. Em 1876, sai a publicação em livro de "O Crime do Padre Amaro" e no ano seguinte escreve, em New Castle, "O Primo Basílio". Os dois romances esgotam-se em pouco tempo. Recebidos por alguns espíritos conservadores como livros escandalosos, mas pela grande maioria com louvores e aplausos. Eça tinha vencido. Estava sintonizado com a sua época.

Em 1878, foi transferido para o consulado de Bristol, também na Inglaterra, onde escreve "A Capital" parte da "Relíquia", "O Conde de Abranhos", sátira política a moda dos humoristas ingleses, e as "Cartas de Inglaterra".

Algum tempo depois, publica "O Mandarim", fantasiosa novela, espécie de parábola surrealista, na qual o amunense Teodoro, com um simples

toque mágico de campainha, mata um homem fabulosamente rico na China e torna-se automaticamente seu único herdeiro em Portugal.

Para concluir que o crime não compensa, Eça descreve, com toques de genialidade, a inutilidade do dinheiro mal ganho e o invencível remorso do personagem, finalizando com esta frase lapidar: "Só sabe bem o pão que, dia a dia, ganham as nossas mãos. Nunca mates o mandarim..."

A seguir, Eça publica a "Relíquia", que ostenta no frontispício a feliz epígrafe: "Sobre a nudez forte da Verdade, o manto diáfano da Fantasia".

Já então, próximo dos 40 anos, mergulhava em crises de **spleen**, a solidão fazia-lhe mal, o inigualável **causeur** dos restaurantes lisboetas sentia a dramática realidade do isolamento longe da pátria. Havia um meio de remediar isso, que ele chamava de "viuvez da alma": o casamento. Entre os seus velhos amigos só ele restava solteiro. Toma a grande decisão e pede em casamento a irmã de seu já falecido amigo e companheiro da viagem ao Oriente, o Conde de Rezende. No dia 10 de Fevereiro de 1886, com 40 anos completos, casa-se com Emília, de 28 anos, na cidade do Porto. Desse feliz enlace nasceram 4 filhos: José Maria (o Zezé), Maria (a preferida), Antônio e Alberto.

Dois anos após o casamento, Eça publica "Os Maias", obra extraordinária, largo painel da sociedade portuguesa que traça, em desenvolvimento paralelo, a história de uma família e a crônica social da Lisboa daquele tempo. Nesse mesmo ano de 1888, recebe o prêmio com que sempre sonhara em sua carreira consular: - é removido para Paris! Até que enfim, Paris!

Instala-se na bela casa de Neuilly, perto do Bois de Boulogne e retoma, com renovado vigor, a atividade literária. Escreve a saborosa "Correspondência de Fradique Mendes", onde a criatura Fradique em muito se identifica com a pessoa do criador. Começa também a elaborar "A ilustre Casa dos Ramires", onde revive, com estilo cada vez mais apurado e brilhante, duas sociedades diferentes: a do passado e a do presente, numa dúbia realidade artística encartada na mesma obra - a vida do personagem Gonçalo Mendes Ramires, o Fidalgo da Torre, e a descrição da antiga sociedade portuguesa através da novela que o Fidalgo da Torre vai escrevendo.

Também desse fecundo período são os "Ecos de Paris", as "Cartas Familiares", as vidas dos Santos (S. Cristóvão, Santo Onofre e S. Frei Gil), de póstuma publicação, os artigos de, imprensa depois publicados em livro com o título "Notas Contemporâneas", além de muitos de seus admiráveis contos (onde se podem destacar "Singularidades de uma Rapariga Loira", "A Perfeição", "Frei Genebro", "Suave Milagre" e "Civilização"). Este último foi

depois ampliado por Eça, transformando-se no romance "A Cidade e as Serras", que mostra o seu protagonista Jacinto de Thormes a enfadar-se, a enfadar-se, a entender-se na civilização burguesa do palacete nº 202 da Avenida Champs Elysées e amando a mudança para as terras lusitanas, as paisagens campestres os costumes simples do interior.

O tempo passa inexorável, Eça envelhece precocemente, talvez extenuado pelo excessivo labor da última década, e marcha serenamente para o fim. À noite, no término de cada serão, nunca se recolhe sem dizer: - "Vou comunicar-me com Deus". Não faz nenhum projeto sem acrescentar: - "... se Deus quiser".

Sente-se fragilizado, doente e parte aos 28 de Julho de 1900, na companhia do grande amigo Ramalho Ortigão para uma estação de repouso na Suíça. Sentindo-se mal em Gliou, decidiu voltar a Paris, onde faleceu confortado pela dedicada esposa Emília e pelos quatro filhos bem-amados. Eram 4 horas da tarde do dia 16 de Agosto de 1900. Morria Eça de Queiroz com apenas 54 anos de idade.

O século XIX também estava terminando.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

A glória de Eça como romancista decorre, certamente, de seus excepcionais dotes de analista de almas, de perito na dissecação de caracteres e de profundo conhecedor da psicologia humana.

Nenhum outro escritor enriqueceu mais que ele o romanceiro da nossa língua com tipos tão notavelmente reais, verdadeiros e convincentes.

A prova disso está em que quase todos os personagens por ele criados lançaram raízes na simpatia popular, fixaram-se na retentiva geral, a ponto até de alguns se terem tornado proverbiais.

Quem haverá, por exemplo, que desconheça aquele famoso Conselheiro Acácio, de "O Primo Basílio"? Vestido sempre de preto, com o pescoço metido num colarinho alto, era alto, magro e o rosto, aguçado no queixo, ia-se alargando até a calva ampla e reluzente. Tingia os ralos cabelos que, duma orelha à outra, lhe faziam um colar por trás da nuca, e aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva; mas não tingia o bigode: tinha-o grisalho, farto, caído aos cantos da boca. Pedante e pernóstico, conservador como todo bom burocrata, quando diz "El Rei" se soergue um

pouco da cadeira. Nunca emprega palavras triviais. Não diz "vomitar"; faz um gesto indicativo e diz - "restituir". Prefere "vórtice" a "abismo". Gosta de citações. Fala constantemente em "o nosso Garrett, o nosso Herculano". Se comparece a um velório, logo na entrada exclama, compungido: "Como é doloroso ver uma família enlutada"! Se uma senhora cai ao descer uma escada, tem esta reflexão profunda: "É sempre uma temeridade descer-se uma escada sem colher o auxílio do corrimão..."

O Conselheiro Acácio, como se vê, era um legítimo colecionador de lugares-comuns... Permanece até hoje como personagem-símbolo, garantindo a glória literária do autor de "O Primo Basílio".

Desta mesma obra, outra personagem inesquecível é a criada Juliana, retrato perfeito de alcoviteira e chantagista, sinistro exemplar da criada revoltada que odeia as patroas, sempre de ouvido colado às portas, a vasculhar gavetas, à espreita de alguma intimidade doméstica, para depois obrigar a que lhe comprem caro a cumplicidade do silêncio.

E quem haverá que não recorde, do mesmo livro, aquela gorda dona Felicidade, que sofria de flatos e morria de amores ante a fleumática indiferença do Conselheiro Acácio?

Quem não lembrará, de igual passo, aquele esplêndido João da Eça, de "Os Maias", que muitos consideram um auto-retrato do próprio autor, de monóculo sempre entalado no olho vivaz e de lábios sempre engatilhados para desancar o clero e a escola romântica?

Ou então aquele soberbo Dâmaso Salcedo, da mesma obra, caricatura de poltronaria, que escreveu, certa vez, uma carta covarde e humilhante de retratação num papel que ostentava o brasão de sua família e a legenda heráldica - "Eu sou forte"?

Por outro lado, quem há que se tenha esquecido daquele hipócrita Teodorico Raposo, de "A Relíquia" - o guapo Raposoão, "português d'aquem e d'além mar" - que enganou a beatice da Titi e ao regressar da Terra Santa acabou sendo desmascarado por causa da troca do pacote da relíquia pelo das roupas íntimas da amante?

E quem há, finalmente, que não traga na lembrança aquele célebre Pacheco, de "A Correspondência de Fradique Mendes", reedição do Conselheiro Acácio, protótipo do "medalhão", que, de uma feita, solicitado a dar a sua opinião sobre uma controvertida personalidade da época, se levantou da sua cadeira de deputado, moveu solenemente o braço num largo gesto horizontal, e se sentou de novo, deixando Portugal inteiro a fremir de admiração e de pasmo diante de tão serena e onisciente mudez?

Todos estes personagens que acabo de evocar ligeiramente, bem como outros muitos que integram a vasta galeria dos tipos criados por Eça (**verbi gratia**, Jacinto de Thormes, Topsisius, Padre Amaro, Basílio, Tomaz de Alencar e outros), estão vivos e bem vivos na memória de quantos já tenham lido as obras do notável romancista.

A cada passo estamos topando com gente igual, igualzinha àquela que ele criou e imortalizou, **aere perennius**, em seus livros admiráveis.

É justamente a esse dom de retratar a humanidade, destacando-lhe a feição grotesca, burlesca e caricata, que Eça de Queiroz deve uma grande parte da preferência que desfruta entre os leitores de toda casta.

O ESTILO DO ROMANCISTA - Os adjetivos

Os livros de Eça são vasados, sem exceção, na mais agradável das prosas, em linguagem simples e colorida, que ora se aguça em fulminações de ironia, ora se eleva em transportes de ternura, ora se requinta em minúcias de descrição, tendo sempre a justa medida e guardando sempre a precisão e a beleza.

Sobretudo em um ponto do seu estilo Eça alcançou a plenitude.

É no que diz respeito a escolha e ao emprego dos adjetivos.

Vicente de Carvalho exprimiu, certa ocasião, a importância dos adjetivos na composição estilística dizendo que eles são flores ou são chagas, conforme bem ou mal empregados. Pois no estilo de Eça podemos afirmar que os adjetivos foram sempre flores. Se não, vejamos.

Colhemos alguns exemplos da adjetivação variada e policrômica que Eça, em diversas passagens, deu ao vocábulo "**silêncio**".

Vamos citá-los para documentar o poder de sugestão e a riqueza impressionista com que ele, valendo-se dos adjetivos, realçava seus dotes de estilista primoroso.

Ei-los: -

- "Mas, pela primeira vez, desde a sua intimidade, houve entre eles um silêncio **difícil**" ("Os Maias", 1946, II, pag. 82).

- "O velho portão que ouvira sempre a ranger abominavelmente, rolava agora nos gonzos com um silêncio **oleoso**" ("Os Maias", 1946, II, pag. 150).

- "Depois do almoço, como chovia sombriamente, não arredamos do 202, com os pés estendidos ao lume, em **preguiçoso** silêncio" ("A Cidade e as Serras", 1946, pág. 156).
- "... as senhoras aproveitavam para cochichar, no desabafo daquele silêncio **cerimonioso**" ("A Cidade e as Serras", 1946, pág. 316).
- "E recolhemos sem que Jacinto emergisse do silêncio **enrugado** em que se abismara" ("A Cidade e as Serras", 1946, pág. 180).
- "No fim de quinze dias, foi à casa da senhora condessa... Fazia um grande calor; aquele **alto** silêncio **aristocrático** aterrava Amaro" ("O Crime do Padre Amaro", 1945, pág. 42).
- "Era um silêncio **seco** "uma hostilidade gelada de divindade ofendida" ("O Crime do Padre Amaro", 1945, pág. 435).
- "Mas afora, em lugar das boas cavaqueiras, tinha só o silêncio **intratável** da velha" ("O Crime do Padre Amaro", 1945, pág. 490).
- "O encanto especial da esmola da rainha está no silêncio **abafado** com que a espalha" ("Notas Contemporâneas", 1944, pág. 460).
- "O justo Hannan interrogara o Rabi, que emudecera num silêncio **ultrajante**" ("A Relíquia", 1945, pág. 186).
- "Cada dia se prolongavam mais os seus silêncios **hostis**, roendo as unhas" ("O Primo Basílio", 1945, pág. 35).
- "Quase ninguém passava. Havia um silêncio **fatigado**" ("O Primo Basílio", 1945, pág. 98).
- "As horas eram muito regulares, havia sempre um silêncio **pacato**" ("O Primo Basílio", 1945, pág. 253).
- "Quando voltou à sala notou um silêncio **enfasiado**" ("O Primo Basílio", 1945, pág. 349).
- "Meus amigos - à família real!" e ergueu o copo - "... à família modelo que, sentada ao leme do Estado, dirige..." Procurou o fecho; havia um silêncio **ansioso**" ("O Primo Basílio", 1945, pág. 403).
- "Toda a Câmara cessou seu desafogado sussurro, para que num silêncio condignamente **majestoso** se pudesse, pela primeira vez, produzir o imenso talento de Pacheco" ("A Correspondência de Fradique Mendes", (1946, pág. 188).

Ao cabo destas citações - todas tiradas de edições da Livraria Lello & Irmão, Porto - cremos estar fora de dúvida a mestria com que Eça se servia dos adjetivos. Em cada uma das frases referidas ele encaixou o qualificativo que convinha ao efeito pictórico almejado.

Se quisermos pôr à prova esta assertiva basta que busquemos substituir qualquer dos adjetivos empregados. Veremos que, com a substituição, as frases perderão a vivacidade, o fulgor, o brilho, pois justamente nessa arte de empregar o adjetivo **insubstituível** é que reside um dos méritos maiores do grande estilista Eça de Queiroz.

Sua opulenta obra, riquíssima de conteúdo humano, é de larga prodigalidade estilística.

Por isso, desafiando o tempo, cada vez fica mais atual.

Mais do que atual: eterna!!!

Daí por que, na passagem do sesquicentenário do nascimento daquele que, modestamente, dizia ser "apenas um pobre homem da Póvoa do Varzim", prestamos ao extraordinário romancista esta homenagem, em nome da Academia Campinense de Letras, com a certeza de que restou plenamente justificado o título desta palestra : "**A eternidade de Eça de Queiroz**".